

# STEPHEN KING REVIVAL

*Tradução*  
Michel Teixeira



Copyright © 2014 by Stephen King  
Publicado mediante acordo com o autor através da The Lotts Agency  
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa  
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
Revival

*Capa*  
Julio Moreira sobre design original de Simon & Schuster © 2014

*Imagens de capa*  
Raio: D. Gleiter/Roberstock/Aurora Photos  
Montanha: Brett Maurer/Getty Images

*Copidesque*  
Ângelo Lessa

*Revisão*  
Rayssa Galvão  
Milena Vargas  
Eduardo Carneiro

CIP-Brasil. Catalogação na fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

---

K64r

King, Stephen  
Revival/ Stephen King; tradução Michel Teixeira.  
– 1. ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.  
373p.

Tradução de: *Revival*  
ISBN 978-85-8105-310-3

1. Ficção americana. I. Teixeira, Michel. II. Título.

15-25080

CCD: 813  
CDU: 821.III(73)-3

---

[2015]  
Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA OBJETIVA LTDA.  
Rua Cosme Velho, 103  
22241-090 — Rio de Janeiro — RJ  
Telefone: (21) 2199-7824  
Fax: (21) 2199-7825  
www.objetiva.com.br

Este livro é dedicado a algumas das pessoas que  
pavimentaram meu caminho:

Mary Shelley

Bram Stoker

H.P. Lovecraft

Clark Ashton Smith

Donald Wandrei

Fritz Leiber

August Derleth

Shirley Jackson

Robert Bloch

Peter Straub

e a ARTHUR MACHEN, autor do conto  
“O grande deus Pã”, que me assombrou a vida toda.

*Não está morto o que pode em eterno jazer  
Em estranhos éons, mesmo a morte pode morrer.*

— H.P. Lovecraft

## Quinto personagem. Montanha da Caveira. Lago Plácido.

De certa maneira, nossa vida parece mesmo um filme. Família e amigos formam o elenco principal. Vizinhos, colegas de trabalho, professores e conhecidos são os coadjuvantes. Tem também os personagens com participações curtas: a caixa de supermercado com sorriso bonito, o garçom simpático do bar, os colegas de academia que encontramos três vezes por semana. Por fim, milhares de figurantes passam pela nossa vida como água pela peneira — são vistos uma única vez e nunca mais. O adolescente que folheia quadrinhos na Barnes & Noble, por quem você precisa passar (murmurando um “com licença” apressado) para chegar às revistas. A mulher parada no carro ao lado, no sinal de trânsito, que aproveita para retocar o batom. A mãe que limpa o sorvete do rosto do filho no restaurante de beira de estrada em que você parou para fazer um lanche. O homem que lhe vendeu um pacote de amendoins em um jogo de beisebol.

Às vezes, porém, entra em nossa vida alguém que não se encaixa em nenhuma dessas categorias. É o palhaço de mola que pula da caixinha vez por outra ao longo dos anos, não raro durante momentos de crise. No cinema americano, esse alguém é chamado de quinto personagem, ou agente de mudança. Quando ele surge em um filme, dá para

saber que foi o roteirista quem o pôs ali. Mas e o roteiro da nossa vida? Quem escreve? O destino ou o acaso? Quero acreditar que seja o último. Quero mesmo, do fundo do coração. Quando penso em Charles Jacobs — meu quinto personagem, meu agente de mudança, minha Nêmesis —, não ousa acreditar que a presença dele em minha vida tenha qualquer ligação com o destino, pois isso significaria que todas aquelas circunstâncias terríveis — aqueles *horrores* — estavam fadadas a acontecer. Se for assim, a luz não existe, e nossa crença nela é mera ilusão. Se for assim, vivemos na escuridão, como animais em uma toca, como formigas nas profundezas de suas colônias.

E não estamos sós.

**Claire me deu um Exército** de presente em meu aniversário de seis anos, e, em um sábado do mês de outubro de 1962, eu estava me preparando para uma grande batalha.

Venho de uma família grande, com quatro meninos e uma menina, e, por ser o caçula, sempre ganhei muitos presentes. Claire sempre me dava os melhores. Talvez por ser a mais velha, não sei, ou por ser a única menina, ou pelos dois motivos. Enfim: de todos os presentes incríveis que ela me deu ao longo dos anos, o Exército foi de longe o melhor. Nada menos que duzentos soldados de plástico verde, alguns com rifles, outros com metralhadoras, e uns dez grudados a armas em forma de tubo, que minha irmã explicou que eram morteiros. E também havia oito caminhões e doze jipes. Acho que o mais legal de tudo era a caixa, uma réplica de estojo militar em papelão com estampa de camuflagem em verde e marrom e a inscrição PROPRIEDADE DO EXÉRCITO DOS EUA em estêncil na frente. Embaixo dessa vinha outra, também em estêncil, feita por Claire: JAMIE MORTON, COMANDANTE.

Euzinho.

— Vi a propaganda na última página de um gibi do Terry — explicou ela, quando parei de gritar de alegria. — Ele não queria que eu recortasse, já que é um chato melequento...

— Isso mesmo! Eu sou o irmão mais velho, chato e melequento — interrompeu Terry, enfiando um dedo em cada narina. Ele tinha oito anos.

— Parem com isso agora mesmo — ralhou nossa mãe. — Nada de irmãos brigando em dia de aniversário, por favor e obrigada. Terry, tire os dedos do nariz.

— Enfim — continuou Claire —, eu copiei o cupom e enviei para a loja. Fiquei com medo de não chegar a tempo, mas chegou. Que bom que você gostou.

Ela me deu um beijo na testa. Claire sempre fazia isso. Tantos anos depois, eu ainda consigo sentir aqueles lábios macios.

— Adorei! — respondi, apertando o estojo militar camuflado contra o peito. — E vou adorar para sempre.

Isso foi depois do café da manhã, que teve panqueca de mirtilo com bacon, minha favorita. Nos aniversários, a comida servida era a favorita do aniversariante, e os presentes eram sempre entregues depois do café, ali na cozinha, equipada com forno a lenha, mesa comprida e um monstro de máquina de lavar, que sempre dava defeito.

— O “para sempre” do Jamie não dura mais do que cinco dias — zombou Con. Ele tinha dez anos, era magro (embora tenha encorpado depois) e já na época mostrava vocação para as ciências.

— Muito bem, Conrad — interveio nosso pai. Ele estava com a roupa de trabalho, um macacão que trazia seu nome, RICHARD, bordado com linha dourada no bolso esquerdo. No direito, lia-se ÓLEO COMBUSTÍVEL MORTON. — Estou impressionado.

— Obrigado, meu velho.

— Por causa dessa sua língua comprida, você levou o grande prêmio: vai ajudar sua mãe a limpar a mesa do café.

— Mas é a vez do Andy!

— Era a vez do Andy — respondeu papai, colocando calda na última panqueca. — Pegue um pano de prato, seu linguarudo, e tente não quebrar nada.

— Vocês vão acabar estragando meu irmão com tanto mimo — devolveu Con, já pegando o pano de prato.

Connie não estava de todo errado sobre meu conceito de “para sempre”. Cinco dias depois, o jogo Operação que Andy me dera já estava juntando poeira embaixo da cama (bem, estava mesmo faltando umas partes do corpo; Andy já tinha comprado assim, custara vinte e cinco centavos no bazar da Associação de Fazendeiros Eureka). O mesmo

destino teve os quebra-cabeças que ganhei de Terry. O presente de Con, um projetor de slides de brinquedo, durou um pouco mais, mas acabou indo parar no fundo do armário e nunca mais foi visto.

De mamãe e papai ganhei roupas, porque meu aniversário cai perto do fim de agosto, logo antes do início das aulas, e naquele ano eu entraria na primeira série. Para mim, calças e camisetas novas eram tão empolgantes quanto a tela de barra de cores da TV, mas tentei demonstrar entusiasmo ao agradecer. Imagino que tenham percebido de cara, pois não é fácil para um menino de seis anos fingir empolgação... embora, infelizmente, essa seja uma habilidade que a maioria de nós aprende bastante rápido. De qualquer forma, as roupas foram lavadas no monstro, penduradas no varal do corredor lateral da casa e, por fim, dobradas e engavetadas na minha cômoda. Onde, é desnecessário dizer, permaneceram longe dos olhos e da lembrança até chegar setembro e ser hora de usá-las. Eu me lembro de um suéter que, na verdade, era bem bacana — marrom com listras amarelas. Quando vesti, fingi que era um super-herói chamado Vespa Humana: bandidos, cuidado com meu ferrão!

**Mas Con estava errado** sobre o Exército que vinha no estojo militar camuflado. Eu brincava com os bonecos todos os dias, o dia todo, em geral bem na frente do jardim de casa, em uma faixa de terra entre o gramado e a estrada dos Metodistas, que na época também era de terra. Com exceção da rota 9 e da estrada de mão dupla que levava até a montanha do Bode, onde ficava um resort para grã-finos, todas as ruas e estradas de Harlow eram de terra. Eu me lembro de ter visto minha mãe reclamando várias vezes por causa da poeira que entrava em casa nos dias secos de verão.

Em muitas tardes, Billy Paquette e Al Knowles, meus dois melhores amigos, brincavam de Exército comigo. No entanto, eu estava sozinho no dia em que Charles Jacobs surgiu em minha vida. Não sei por que Billy e Al não estavam por perto, mas me lembro de estar feliz porque, para variar, estava brincando sozinho. Em primeiro lugar, não precisava dividir o Exército em três. Em segundo — e isso era o mais importante —, não haveria discussões sobre de quem era a vez de ganhar a batalha. Na verdade, eu achava injusto ter que perder uma úni-



ca vez que fosse, afinal, eram *meus* soldados e *meu* estojo militar camuflado.

Quando confessei isso à minha mãe, em um dia quente no fim daquele verão, logo após meu aniversário, ela me pegou pelos ombros e me olhou nos olhos, o sinal inconfundível de que eu iria receber outra Lição de Vida.

— Esse negócio de “é meu” causa metade dos problemas do mundo, Jamie. Quando você está brincando com seus amigos, os soldados são de todos.

— Mesmo se a gente estiver brincando de ser inimigo?

— Mesmo assim. Quando o Billy e o Al vão para casa jantar e você guarda os soldados de volta na caixa...

— É um *estojo militar camuflado*!

— Certo, no estojo militar camuflado. Quando você guarda os soldados, eles são seus de novo. As pessoas fazem todo tipo de maldade umas com as outras, e você vai descobrir isso quando ficar mais velho, mas não tenho dúvida de que todo comportamento ruim nasce pura e simplesmente do egoísmo. Prometa que nunca vai ser egoísta, filho.

Prometer, eu prometi, mas continuei não gostando quando o Billy e o Al venciam.

**Naquele dia de outubro de 1962**, quando o destino do mundo estava por um fio por causa de uma pequena faixa de terra tropical chamada Cuba, eu lutava em ambos os lados da batalha, e acabaria vencendo de qualquer jeito. A motoniveladora da cidade tinha passado pela estrada dos Metodistas mais cedo (“Empurrando pedras para lá e para cá”, como sempre resmungava meu pai), e o que não faltava era terra solta na rua. Peguei o bastante para construir primeiro uma colina, depois uma grande colina, então uma colina *enorme*, que batia quase nos meus joelhos. No começo, pensei em chamar de montanha do Bode, mas o nome não só era pouco original (afinal, a verdadeira montanha do Bode ficava a menos de vinte quilômetros), mas também sem graça. Depois de pensar um pouco, decidi chamar de montanha da Caveira. Até tentei cavar duas cavernas em formato de olho, mas a terra estava seca e os buracos sempre se fechavam.

— Fazer o quê — falei para os soldados de plástico guardados no estojo camuflado. — O mundo é cruel, e não dá para ter tudo. — Essa era uma das frases feitas favoritas do meu pai, e, com cinco filhos para criar, estou certo de que ele tinha razão para acreditar nela. — Vamos fazer de conta que as cavernas existem.

Coloquei metade do Exército no topo da montanha da Caveira, onde os soldados formaram um imenso pelotão. Os homens com morteiros foram os que ficaram mais legais ali em cima. Eram os chucrutes. Posicionei o Exército dos Estados Unidos no limite do gramado. Os americanos levaram todos os jipes e caminhões, porque os veículos ficavam incríveis atacando a montanha íngreme. Eu sabia que alguns iam capotar, mas pelo menos parte deles chegaria ao topo e atropelaria os homens com morteiros, que suplicariam por misericórdia. E não teriam nenhuma.

— Até a morte! — bradei, enquanto organizava os últimos heróis americanos. — Hister, você é o próximo!

Eu estava começando a avançar com eles, linha por linha, imitando o barulho de metralhadora das histórias em quadrinhos, quando uma sombra cobriu o campo de batalha. Olhei para cima e vi um sujeito ali, parado. Ele bloqueava o sol da tarde, uma silhueta emoldurada por luz dourada — um eclipse humano.

Havia muita coisa acontecendo. Era sempre assim nas tardes de sábado, em nossa casa. Andy e Con estavam no grande quintal, jogando taco com os amigos, gritando e rindo. Claire estava no quarto com as amigas *dela*, botando discos para tocar na vitrola portátil: “The Loco-Motion”, “Soldier Boy”, “Palisades Park”. Da garagem vinham as marteladas de papai e Terry, que trabalhavam no antigo Ford 51 que o velho chamava de Foguete da Estrada. Ou de Projeto. Certa vez o ouvi chamar o carro de monte de merda, uma expressão que eu adorei e uso até hoje. Quando quiser se sentir melhor, diga que alguma coisa é um monte de merda. Geralmente funciona.

Tanta coisa acontecendo, e mesmo assim naquele instante pareceu que tudo tinha parado. Sei que esse tipo de ilusão é causado por uma memória ruim (para não falar do baú lotado de associações sombrias), mas a lembrança é muito clara. De repente já não havia mais crianças gritando no quintal, discos tocando no segundo andar, barulhos vindos da garagem. Nem mesmo um pássaro cantava.

Então o homem se agachou, e o sol poente brilhou sobre seus ombros, me cegando por um instante. Levantei a mão para proteger os olhos.

— Desculpe, desculpe — disse o homem, e mudou de lugar para que eu conseguisse vê-lo sem precisar olhar para o sol. Da cintura para cima, vestia um casaco preto e uma camisa preta com colarinho de clérigo; da cintura para baixo, jeans e mocassim surrado. Parecia querer ser duas pessoas ao mesmo tempo. Aos seis anos, eu dividia os adultos em três categorias: gente grande nova, gente grande e velhos. Esse cara era gente grande nova. As mãos estavam nos joelhos, para que ele pudesse ver os Exércitos em combate.

— Quem é o senhor? — perguntei.

— Charles Jacobs.

O nome soava vagamente familiar. Ele estendeu a mão para mim. Cumprimentei-o na hora, pois, apesar de ter apenas seis anos, eu sabia me comportar. Todos sabíamos. Nossos pais se encarregaram disso.

— Por que a gola da sua camisa tem um buraco no meio?

— Porque sou ministro. A partir de agora, quando você for à igreja aos domingos, eu estarei lá. E se for aos encontros da Juventude Metodista, às quintas-feiras, também vai me encontrar.

— Nosso ministro era o sr. Latoure. Mas ele morreu.

— Eu sei. Sinto muito.

— Mas está tudo bem, porque minha mãe disse que ele não sofreu e foi direto para o céu. Só que ele não usava um colarinho assim.

— É porque Bill Latoure era um pregador leigo. Isso quer dizer que ele era tipo um voluntário, que manteve a igreja aberta quando não tinha mais ninguém. E foi uma ação muito boa da parte dele.

— Acho que meu pai já falou do senhor. Ele é diácono da igreja. Ele recolhe as oferendas. Mas às vezes reveza com os outros diáconos.

— Compartilhar é bom — respondeu Jacobs, ajoelhando-se ao meu lado.

— Você vai orar? — A ideia me pareceu meio alarmante. Orar era coisa que se fazia na igreja e na Juventude Metodista, que meus irmãos e minha irmã chamavam de Escola Noturna de Quinta. Quando o sr. Jacobs recomeçou os encontros, entrei no primeiro ano, exatamente como na escola. — Se o senhor quer falar com meu pai, ele está na ga-

ragem com Terry, mexendo no Foguete da Estrada. Meu pai está trabalhando, Terry só fica vendo, dando as ferramentas. Ele tem oito anos. Eu tenho seis. Acho que a minha mãe está lá nos fundos, vendo os garotos jogarem taco.

— A gente chamava esse jogo de bete, quando eu era criança — respondeu ele, sorrindo. Era um sorriso bonito. Gostei dele na hora.

— É mesmo?

— É, porque o taco que a gente usava para bater na bola era chamado de bete. Qual é o seu nome?

— Jamie Morton. Eu tenho seis anos.

— É, você já me contou.

— Acho que ninguém nunca orou no jardim da nossa casa.

— Eu não vou orar. Só quero ver seus Exércitos mais de perto. Quem são os russos e quem são os americanos?

— Esses no chão são os americanos, mas os que estão na montanha da Caveira são os chucrutes. Os americanos têm que conquistar a montanha.

— Porque ela está no meio do caminho — explicou Jacobs. — Atrás da montanha da Caveira fica a estrada para a Alemanha.

— Isso mesmo! E o chefe dos chucrutes! O Hister!

— Causador de tantos males.

— Há?

— Deixa pra lá. Você se importa se eu chamar os vilões de alemães? “Chucrute” é meio cruel.

— Não é, não. É ótimo. Chucrute é alemão, e os alemães são chucrutes. O meu pai foi pra guerra, mas só no último ano. Consertava caminhões no Texas. O senhor foi pra guerra?

— Não. Era muito novo. Não tinha idade nem para a Guerra da Coreia. E como é que os americanos vão tomar a montanha, general Morton?

— Atacar! — gritei. — Disparem essas metralhadoras! Pá! Ratatatátá! — Depois, fazendo voz mais grossa: — Pou, pou, pou!

— Um ataque direto contra o inimigo em terreno elevado parece um risco muito grande, general. Se eu fosse você, dividiria as tropas... assim... — sugeriu o sr. Jacobs, colocando metade dos americanos para a esquerda e a outra metade para a direita. — Isso cria um movimento

de pinça, viu? — explicou ele, encostando o dedão no indicador. — Assim, você ataca o alvo dos dois lados.

— É, pode ser — refleti. Eu gostava da ideia de um ataque direto, com muita ação e muito sangue, mas também achava a sugestão do sr. Jacobs interessante. Era um ataque sorrateiro. E sorrateiro pode ser muito bom. — Tentei fazer as cavernas, mas a terra está muito seca.

— Dá para ver — concordou ele, enfiando o dedo na montanha da Caveira e observando a terra escorrer para cobrir o buraco. Jacobs se levantou e bateu a poeira da calça jeans na altura dos joelhos. — Meu filho com certeza vai gostar de brincar com os seus soldados, daqui a um ou dois anos.

— Ele pode brincar agora, se quiser — respondi, tentando não ser egoísta. — Cadê ele?

— Ainda está em Boston, com a mãe. Tem muita coisa para encaixotar. Eles devem chegar aqui na quarta. Quinta, no máximo. Só que o Morrie é muito novinho para brincar com seu Exército. Ele ia jogar os soldados para tudo que é lado.

— Ele tem quantos anos?

— Só dois.

— Aposto que ele ainda faz xixi na calça! — gritei, e comecei a rir. Não foi muito educado, mas não consegui evitar. Crianças fazendo xixi na calça era engraçado demais.

— Ele faz, entre outras coisas — respondeu Jacobs, sorrindo —, mas tenho certeza de que quando crescer vai parar de fazer isso. Seu pai está na garagem, certo?

— É.

Foi então que lembrei onde tinha ouvido o nome dele antes — mamãe e papai estavam à mesa de jantar, conversando sobre o novo ministro que viria de Boston. “Ele não é meio jovem demais?”, perguntou ela. “É, sim, e o salário dele será condizente”, respondeu meu pai, com um sorriso. Os dois continuaram conversando sobre o reverendo, acho, mas não prestei atenção. Andy estava pegando purê de batata sem deixar para os outros, como sempre.

— Experimente fazer o ataque pelos flancos — lembrou Jacobs, retomando o assunto.

— Há?

— O movimento de pinça — disse ele, juntando o dedão e o indicador mais uma vez.

— Ah, claro. Legal.

Experimentei e funcionou muito bem. Todos os chucrutes morreram. Mas não dava para dizer que a batalha tinha sido espetacular, por isso voltei ao ataque frontal, com caminhões e jipes se jogando contra a escarpa da montanha da Caveira e chucrutes tombando para trás em meio a gritos de desespero: “Aaaaahhh!”.

Mamãe, papai e o sr. Jacobs se sentaram na varanda em frente à casa enquanto a batalha continuava, bebendo chá gelado e falando de coisas da igreja — além de meu pai ser diácono, minha mãe era uma das Senhoras Auxiliadoras. Não era a chefona, mas estava logo abaixo dela. Tinha que ver os chapéus chiques que ela usava. Eram pelo menos dez. Éramos felizes naquele tempo.

Minha mãe chamou meus irmãos, minha irmã e os amigos deles para conhecer o novo ministro. Eu também estava indo, mas o sr. Jacobs me fez um sinal para ficar, explicando à minha mãe que já tínhamos nos conhecido.

— Continue a batalha, general! — exclamou ele.

Continuei. Con, Andy e os amigos voltaram para o quintal e continuaram jogando. Claire e as amigas subiram de novo para o segundo andar e continuaram dançando (embora minha mãe tenha mandado abaixar a música, por favor e obrigada). O sr. e a sra. Morton continuaram conversando com o reverendo Jacobs, e durante um bom tempo. Eu me lembro de ficar surpreso ao ver como os adultos tagarelavam. Era entediante.

Parei de prestar atenção neles porque estava travando a batalha da montanha da Caveira mais uma vez, e o fiz de diversas maneiras. No teatro de guerra mais interessante, adaptado do movimento de pinça do sr. Jacobs, parte do Exército americano manteve os alemães presos na frente de batalha, enquanto os outros deram a volta e emboscaram os chucrutes por trás. “O que ser isso?”, gritou um deles, logo antes de levar um tiro na cabeça.

Eu estava começando a ficar cansado da guerra e pensando em entrar para comer um pedaço de bolo (se é que Con, Andy e os amigos tinham deixado alguma sobra) quando a sombra se abateu outra vez